



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



CULTURA  
ACADÊMICA  
*Editora*

# Gramsci e a Ubiquidade da política

Marcos Del Roio

**Como citar:** ROIO, M. D. Gramsci e a Ubiquidade da política. *In:* DEO, A.; SARTORETTO, L. (org.). **Determinações do Mundo do Trabalho:** centralidade do trabalho, lutas sociais e crítica da economia política. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 341-350.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-11-8.p341-350>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# GRAMSCI E A UBIQUIDADE DA POLÍTICA<sup>1</sup>

*Marcos Del Roio*

No período considerado (2012-2018), o trabalho de pesquisa deu continuidade ao estudo de conexões existentes entre Gramsci e autores precedentes ou contemporâneos seus, em particular aqueles localizados dentro da tradição cultural e política iniciada em Marx. Pela importância evidenciada nos Cadernos do cárcere devem ser destacados Lênin, Trotsky, Bukharin, mas também Rosa Luxemburg e Sorel.

Ainda que Gramsci recebesse algum influxo de Lênin desde 1919, esse autor passa a ser decisivo na sua reflexão teórica a partir do período passado em Moscou (1923). Gramsci se portava como militante disciplinado da IC (Internacional Comunista) e tentava apreender a obra de Lênin e traduzi-la para a realidade da Itália, em particular na questão da aliança operaria camponesa. Nesse mesmo ano de 1923, Gramsci é despertado para um estudo mais detalhado sobre Maquiavel, assim com rompe definitivamente com Croce. Lênin não é citado muitas vezes nos Cadernos, mas a sua presença pode ser percebida como pelo menos um

---

<sup>1</sup> Pesquisa em andamento, iniciada em 2012, desenvolvida junto ao Departamento de Ciências Políticas e Econômicas e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, *Campus* de Marília.

dos fundamentos da reflexão gramsciana, muito em particular a obra do último Lênin (1921-1923).

Gramsci nutria muita simpatia por Trotsky e isso durou até 1924, pelo menos. Trotsky era percebido como a posição mais a esquerda entre os bolcheviques e a análise que Gramsci fazia da crise como crise em permanência podia aproximar a reflexão dos dois. No entanto, Gramsci acatou de muito bom grado a “guinada à esquerda” do V Congresso da IC (1924) e ficou muito desconfortável com a atividade fracionista de Trotsky e com sua ausência do V Congresso (que pode ter sido por posição política ou problema de saúde).

A crítica direta a Trotsky está presente desde a carta de outubro de 1926, dirigida a direção do Partido Comunista da Rússia, onde o revolucionário russo é visto como fracionista com posição teórica e política de perspectiva econômica corporativa. Trotski é interlocutor importante também nos Cadernos do Cárcere. Como acontece quase sempre dos interlocutores de Gramsci terem sido autores dos quais recebeu alguma influência, nos Cadernos Gramsci restabelece o diálogo ao modo de aprofundar a crítica, mas também esclarecer os elementos de verdade apresentados e que podem ser reelaborados, como é o caso, por ex., da ideia de “revolução permanente”.

Interlocutor importante de Gramsci, dentre os bolcheviques, foi também Bukharin. Esse autor escreveu manuais bastante influentes sobre marxismo e comunismo e foi mesmo utilizado por Gramsci quando, em 1924, organizava a escola do PCI. Bukharin esteve vizinho a Trotski entre 1918 e 1923, mas depois dele se afastou, em alguma medida por conta da discussão sobre o valor estratégico da NEP (Nova Política Econômica), que ele afirmava e Trotski negava. Gramsci também defendeu o valor estratégico da NEP, uma grande política elaborada por Lenin e depois desenvolvida por Bukharin.

Nos Cadernos, todavia, Gramsci toma a obra de Bukharin -- que estava voltada à difusão do marxismo -- como exemplo de intrusão positivista no marxismo, de marxismo vulgar, de “sociologia” em vez de Filosofia da práxis. Nos Cadernos, o combate de Gramsci foi contra o idealismo croceano, por um lado, e por outro a intrusão positivista no marxismo. Só a Filosofia da práxis (o próprio Marx e também Lênin)

poderia lutar com sucesso nessas duas frentes, contra o subjetivismo, contra o voluntarismo e contra o materialismo vulgar, contra o objetivismo.

Antes da incidência dos bolcheviques sobre o seu pensamento, Gramsci assimilara algumas proposições de Georges Sorel, como o anti-jacobinismo, e as questões relativas ao chamado espírito de cisão, cuja implicação era a defesa da autonomia da classe operária, da sua auto-organização, da auto-educação, da auto-gestão. Gramsci reconhecia, contudo, a importância de intelectuais aliados da classe operária, do sindicato e do partido.

Pode-se perceber também a presença de Rosa Luxemburg em relação a crítica ao sindicato e ao partido, assim como na tese da greve de massa (que na prática se aproximava da formulação da greve geral, de Sorel). Nos Cadernos a interlocução com Sorel foi muito profícua (e parece ser pouco valorizada pela bibliografia). Gramsci reformulou muitas categorias decisivas a partir de Sorel, como espírito de cisão, reforma moral e intelectual (que já vinha de Renan) e bloco histórico. A crítica a Rosa Luxemburg presente nos Cadernos, parecia na verdade incidir mais sobre a política executada pela Internacional Comunista na fase da crise capitalista (1929-1933), já que sobre o tema da consciência revolucionária desenvolvida com a experiência e com a prática a proximidade continuava a ser notável (DEL ROIO, 2018).

O caso de Antonio Labriola precisa ser mais bem delineado, mas decerto foi bastante importante principalmente no referente à crítica de Croce.

Uma nova frente de estudo foi aberta com o aprofundamento na leitura de textos de Togliatti, a fim de perscrutar a continuidade e os elementos idiossincráticos entre Togliatti no exílio e Gramsci na prisão. Uma conexão importante nesse estudo passa pela compreensão do fascismo que ambos desenvolveram. Em primeiro momento, fiz um estudo detalhado sobre as circunstâncias da prisão de Gramsci, em 8 de novembro de 1926. Outro ponto importante é a observação de como Togliatti e o PCI (Partido Comunista Italiano) seguiu a orientação decidida no III Congresso do PCI, de janeiro de 1926, depois da prisão de Gramsci e do aprofundamento da fascistização do Estado. De início, pode-se afirmar que, afora algumas adequações táticas, a linha do Congresso de Lyon só foi afastada de vez em fins de 1929, mesmo assim como única possibilidade

de resguardar pelo menos uma parte do grupo dirigente formado em torno de Gramsci, diante da ascensão irrefreável do grupo político de Stalin na URSS e na própria IC. (D'ORSI, 2017).

O estudo da trajetória política e intelectual de Gramsci, desde o momento da prisão e a elaboração dos escritos do cárcere, tem uma complexidade bastante reconhecida. Assim, um projeto que implique a interpretação desses textos e que traga alguma significativa contribuição àquilo que já foi apresentado pela bibliografia existente exige um tempo bastante maior do que aquele inicialmente suposto. Assim, a partir dessa fase entendo que o projeto deva ser mais realista e menos pretensioso. De fato, pretendo fazer um deslocamento do foco geral antes apresentado para a abordagem de um processo mais particular que é indispensável para iluminar o trabalho depois produzido por Gramsci no cárcere.

Nos últimos anos, a interminável polemica que envolve a vida pessoal de Gramsci e o contexto político que o envolve, assim como sua obra, teve novos episódios de duvidosa seriedade científica. Isso por conta da difusão da hipótese aventada por Luciano Canfora da existência de um possível Caderno desaparecido de Gramsci. Esse autor chegou a publicar dois livros em 2012, sobre a trajetória de Gramsci no período prisional, um sobre a relação de Gramsci com a URSS e o antifascismo e outro sobre Gramsci no cárcere fascista. A intenção da novidade não se mostra eficiente, pois se observam conclusões muito forçadas e não documentadas sobre episódios obscuros. No entanto, há uma riqueza de documentos bastante útil (CANFORA, 2012). Uma biografia intelectual de Gramsci escrita por Giuseppe Vacca (2012), ainda que com interpretações também discutíveis, apresenta novas fontes, em particular sobre Gramsci, a URSS e a família Schucht, resgatadas por Antonio Gramsci Jr (neto de Gramsci).

Importante destacar ainda a riqueza de publicações significativas surgidas em 2014. O livro de Ruggero Giacomini (2014) é precioso na sua narrativa da trajetória carcerária de Gramsci, desde a detenção, o processo de condenação, as tentativas de libertação, até os últimos dias de vida. Em muitas passagens contesta as interpretações de Vacca.

Em relação à pesquisa teórica sobre o conteúdo dos Cadernos, o novo trabalho de Alberto Burgio é de grande alcance. Burgio observa como Gramsci, ao fim das contas, apresenta uma interpretação da época moderna e contemporânea articulada em termos de “tempos longos”

(BURGIO, 2014). Sempre em 2014 veio a lume o livro de Angelo Rossi (2014), que se esforça em fazer a leitura dos Cadernos e buscar a sua relação com os acontecimentos que se processavam na vida e no tempo histórico de Gramsci. O projeto que desenvolvo segue essa direção, ainda que o enquadramento geral e as hipóteses sejam diferentes. Vale a pena recordar ainda o livro do brasileiro Leandro Galastri, que faz exaustiva pesquisa sobre o revisionismo na França e na Itália e como esse conjunto polissêmico incidiu sobre a obra de Gramsci. Trata com particular riqueza a evolução do pensamento de Sorel (GALASTRI, 2015).

No quadriênio iniciado em 2016 o objetivo é o de apreender as conexões existentes no período que decorre de novembro de 1926 e julho de 1929, entre o pensamento de Gramsci, a consolidação do fascismo, a política de resistência do PCI, a política da Internacional Comunista e a crise da NEP na URSS e nesse contexto observar a sorte da fórmula política da frente única.

A apreensão do pensamento de Gramsci nessa fase conta com poucas fontes. O material disponível se resume a cartas de Gramsci, para Gramsci, sobre Gramsci; memórias daqueles que tiveram algum contato com ele; documentação do PCI ou IC; documentação do regime fascista. No primeiro semestre de 1929, Gramsci inicia a redação dos Cadernos, quando então é possível notar os interesses e as fontes de que dispunha Gramsci. São trabalhados os *Quaderni* 1 e 2, além do trabalho de tradução. As cartas continuam sempre a ser muito importantes, até para melhor compreensão dos Cadernos. Há uma bibliografia disponível que se empenha na reconstituição dos dias e das relações de Gramsci nesse período.

Nesse período, o fascismo se consolida como regime e como Estado. As instituições liberais que sobreviviam a duras penas até fins de 1926 são abolidas: parlamento, partidos políticos, separação de poderes; sindicatos autônomos não fascistas. A influência da maçonaria foi cortada e o fascismo se aproxima mais e mais da Igreja católica. Novas instituições foram criadas com o objetivo de unificar as classes dominantes e de submeter às classes subalternas por meio do corporativismo. A classe operária, de fato, foi estatizada, ou seja, foi incorporada a dimensão pública do direito. Os organismos fascistas se multiplicaram na produção e na cultura, com formas variadas de arregimentação da juventude. Toda

oposição é perseguida de modo implacável por instituições repressivas ampliadas e fortalecidas.

Certo que o fascismo foi um problema essencial para o comunismo italiano desde a fundação do Partido em 1921 (ou mesmo antes). Porém agora, em 1926, se ingressava em nova fase e era preciso deslindar os motivos da derrota, os motivos que permitiram a prisão de Gramsci e de tantos outros; para seguir na luta de resistência seria necessário entender a natureza do fascismo, qual era a sua base de sustentação, de onde vinha a sua força. Aqui se apresenta a necessidade de seguir as posições e manifestações políticas do PCI. Ainda que decapitado com a prisão de Gramsci e de outros membros importantes, o grupo dirigente manteve-se forte e atuante desde o exílio em Paris e Moscou.

A orientação política era aquela definida no III congresso, realizado em janeiro de 1926, com as adequações exigidas pela nova situação. Sem uma manifestação explícita em contrário, é provável que Gramsci estivesse de acordo com a orientação partidária, mesmo que não possa ser esquecida a troca de correspondência entre Gramsci e Togliatti em outubro de 1926, quando se evidenciam divergências sobre a questão russa (lembrar que a luta entre a maioria bolchevique e a oposição unificada estava em alta temperatura). Na IC, Togliatti esteve vinculado a maioria. O PCI defendia a posição de que a revolução italiana seria de caráter popular e logo se faria proletária, de onde decorre a necessidade de se construir um partido de massas.

Com o afastamento de Zinoviev da direção da IC em fim de 1926, Bukharin passou a ser o mais importante dirigente dessa organização e sua visão estratégica predominou por algum tempo. Bukharin, em linhas gerais, entendia que o imperialismo se organizava internamente de modo a aceitar certas demandas da classe operária vocalizadas pela socialdemocracia por conta da exploração exacerbada das periferias coloniais. Desse modo, a política de frente única deveria ser mantida e aprofundada como meio dos comunistas disputarem a direção do movimento operário. Enquanto isso, na URSS, também a NEP deveria ter continuidade, sempre enfatizando a essencialidade da aliança operária camponesa.

Com a “estabilização relativa” do capitalismo na área imperialista, a contradição se deslocava para a luta dos povos dominados em busca da emancipação social e política. Isso significava que o campesinato passava a

atuar um papel revolucionário essencial. Era então a China a referência mais importante dessa compreensão da época. A orientação de Bukharin nunca foi consensual, por suposto, e enfrentou dura oposição de Trotsky e seus aliados, num momento que a chamada questão russa havia já transposto as paredes do partido russo e se espreado por toda a IC.

A derrota definitiva de Trotsky pareceu oferecer a Bukharin a possibilidade de oferecer a IC uma orientação bastante clara, mas os embates que se iniciavam na própria URSS, com o aguçamento da luta de classes e a instabilidade crescente da NEP e a situação dramática dos comunistas na China, acudados pelo Exército, debilitaram bastante as posições de Bukharin. Uma posição mais a esquerda voltava tomar corpo no Partido Comunista Russo e também no Partido Comunista da Alemanha. De maio de 1928 a julho de 1929 ocorreu o contencioso entre duas compreensões diferentes da situação.

Os divergentes de Bukharin entendiam que a tendência era de aumento do risco de guerra e de crise capitalista nos centros imperialistas, ou seja, a estabilidade aproximava-se do final. Até o VI congresso da IC, realizado entre julho e setembro de 1928, ambas as tendências mantiveram-se cautelosas e buscaram conciliar as diferenças. Em setembro, contudo, a luta já era aberta e em julho de 1929 a linha do grupo de Stalin havia se saído vitoriosa na URSS e na IC.

Na URSS assistia-se uma crescente (sem surpresa) diferenciação social no campo com a formação de uma burguesia agrária, que entendeu que a sua situação era difícil e procurou ampliar seus ganhos frente à população urbana. Nas cidades, todavia, a situação era muito grave também, com escassez de todo tipo. Os operários fabris pretenderam melhorar suas condições a expensas do campesinato. Na cidade e no campo e entre a cidade e o campo os conflitos se acirraram. Nessas condições em que não havia propriamente uma hegemonia operária, a resposta veio por meio da concentração do poder político e de seu poder coercitivo. Entendeu-se então que, a fim de superar a conflitualidade generalizada, da qual se poderia aproveitar o imperialismo, dever-se-ia partir para o planejamento centralizado tendo a industrialização acelerada como meta, assim como o nivelamento social no campo.

Como essas mudanças na URSS repercutiram na IC e no PCI? Quanto desses processos intrincados que ocorriam no fascismo, na IC, na

URSS e no próprio PCI Gramsci pode acompanhar e se manifestar? Muito difícil saber dado a escassez de fontes diretas. A pesquisa deve buscar indícios fortes e evitar especulação, algo que tem sido comum no debate atual. A intenção é buscar as conexões entre os processos correlatos apontados acima e observar os escritos, os interesses, os contatos de Gramsci. Perscrutar essa fase parece-me necessário para uma compreensão mais abrangente dos *Quaderni* e mostrar efetivamente como Gramsci superou toda a elaboração teórica do marxismo do seu tempo.

Como já ficou esclarecido essa pesquisa é parte de um percurso bastante longo de estudo que perpassa toda a minha vida acadêmica desde o Mestrado, ainda que a obra de Gramsci tenha se tornado o próprio objeto de pesquisa e não apenas a referência teórica e operacional mais importante, somente a partir do primeiro pós-doutoramento e da livre-docência, entre 1999 e 2003. O livro então produzido foi publicado no Brasil, Itália, Grã-Bretanha e EUA.

Foi apenas em 2009, com o financiamento do CNPq, que comecei a atual pesquisa – sem dúvida, de longo prazo – que dá continuidade àquela. A importância acadêmica e científica se sustenta por si mesmo. Trata-se de trabalho praticamente inédito no Brasil e bastante polêmico na Itália. A apresentação feita acima é espécie de antessala do trabalho desenvolvido por Gramsci nos anos de cárcere e oferece indicações metodológicas importantes, como a pesquisa de fontes indiretas, cujo risco é sempre o de incorrer em algum tipo de fazer história apenas por indícios.

O enfoque que pretendo oferecer, buscando correlacionar o pensamento de Gramsci com a trajetória da Itália e do movimento comunista, pode alcançar algum sucesso na elucidação do problema da continuidade / descontinuidade do pensamento de Gramsci. Isso no que se refere à concepção da luta política contra o fascismo, quanto com a sua relação com os interlocutores que escolheu antes e durante o cárcere, com seu ambiente intelectual e político, elemento essencial da pesquisa.

O objetivo central do trabalho é o de observar como ocorre a cisão entre o movimento do real e a elaboração teórica de Gramsci, entre a temporalidade do mundo político (a conjuntura) e a temporalidade do cárcere (a longa duração), e assim perceber como se desenvolve a regressão teórica no conjunto do movimento comunista em disjunção com a persistência de Gramsci na rota da refundação comunista (abertas por Rosa

Luxemburg e Lênin), cuja implicação é não perder de vista a perspectiva da emancipação e unificação do gênero humano. Para alcançar esse objetivo é preciso então confrontar a teoria política de Gramsci com aquela produzida pela Internacional Comunista, considerando o predomínio do Partido Comunista da União Soviética e as disputas no interior do conjunto do movimento comunista, com as implicações no Partido Comunista Italiano. O eixo analítico persiste no esclarecimento da fórmula política da frente única e o antifascismo.

### **REFERÊNCIAS:**

- BURGIO, A. *Gramsci: il sistema in movimento*. Roma: Drive Approdi, 2014.
- CANFORA, L. *Spie, URSS, antifascismo. Gramsci 1926-1937*. Roma: Salerno Editrice, 2012.
- D'ORSI, A. *Gramsci: una nuova biografia*. Milão: Feltrinelli, 2017.
- DEL ROIO, M. *Gramsci e a emancipação do subalterno*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- GALASTRI, L. *Gramsci, marxismo e revisionismo*. Campinas: Autores Associados, 2015.
- GIACOMINI, R. *Il giudece e il prigionero*. Roma: Castelvecchi, 2014.
- ROSSI, A. *Gramsci in carcere: l'itinerario dei Quaderni (1929-1933)*. Napoles: Guida, 2014.
- VACCA, G. *Vita e pensieri di Antonio Gramsci*. Turim: Einaudi, 2012.